CADERNOS DO IEB 8

SERMÃO DA CONCEIÇAM DA VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA, QUE PREGOU O R. PADRE ANTÔNIO DE SÁ DA COMPANHIA DE IESU(S) NA IGREJA MATRIZ DO RECIFE DE PERNAMBUCO. ANO DE 1658

ANTONIO DE SÁ

Instituto de Estudos Brasileiros
USP

coordenação, transcrição, edição, fixação de texto e notação
JOÃO ADOLFO HANSEN
MARCELLO MOREIRA

DOI: 10.11606/9788586748134

ANTONIO DE SÁ

SERMÃO DA CONCEIÇAM DA VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA, QUE PREGOU O R. PADRE ANTÔNIO DE SÁ DA COMPANHIA DE IESU(S) NA IGREJA MATRIZ DO RECIFE DE PERNAMBUCO. ANO DE 1658

COORDENAÇÃO, TRANSCRIÇÃO, EDIÇÃO,
FIXAÇÃO DE TEXTO E NOTAÇÃO
JOÃO ADOLFO HANSEN
MARCELLO MOREIRA

SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
IEB - USP
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR Prof. Dr. Marco Antonio Zago
VICE-REITOR Prof. Dr. Vahan Agopyan

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

DIRETORA Prof.ª Dr.ª Sandra Margarida Nitrini
VICE-DIRETOR Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti

TÍTULO Sermão da Conceiçam da Virgem Maria Nossa Senhora, que pregou o R. Padre Antônio de Sá da Companhia de Iesu(S) na Igreja Matriz do Recife de Pernambuco. Ano de 1658

AUTOR Antônio de Sá

COORDENAÇÃO, TRANSCRIÇÃO, EDIÇÃO, FIXAÇÃO DE TEXTO E NOTAÇÃO Prof. Dr. João Adolfo Hansen
Prof. Dr. Marcello Moreira

PRODUÇÃO Divisão Científico-Cultural

CHEFE TÉCNICA DA DIVISÃO CIENTÍFICO-CULTURAL Pérola Ramira Ciccone

CHEFE DE SERVIÇO DA DIFUSÃO CULTURAL Regina Mayumi Aga

PROJETO GRÁFICO, CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Eduardo Junqueira e Karine Tressler

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS Cleusa Conte Machado

SECRETARIA GRÁFICA Flávio Machado

PROJETO ALBERTO LAMEGO
Recuperação, Formação, Digitalização e Acesso

COORDENAÇÃO GERAL E ORGANIZAÇÃO Lúcia Elena Thomé (coordenação Laboratório de Conservação e Restauro)

LABORATÓRIO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO Lúcia Elena Thomé
Mônica Aparecida Guilherme da Silva Bento
Isabel Wilmers Bei
estagiárias
Flávia dos Santos Baiochi
Mariana Sacon Frederico

BIBLIOTECA Maria Itália Causin
Daniela Piantola

COLEÇÃO DE ARTES VISUAIS Bianca Dettino

DIGITALIZAÇÃO Ivanise Risério de Oliveira
Rosana Campos Nascimento

CONTRATADOS - RESTAURO E ENCADERNAÇÃO Ana Maria Scaglianti
Auro Pinheiro
Solange Bosquê Ruy

PRÉ-PROJETO GRÁFICO Sushila Vieira Claro
Bianca Dettino

CÓLOFON formato16x23
fonte arno pro
60 páginas

CADERNOS DO IEB 8

SERMÃO DA CONCEIÇAM DA VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA, QUE PREGOU O R. PADRE ANTÔNIO DE SÁ DA COMPANHIA DE IESU(S) NA IGREJA MATRIZ DO RECIFE DE PERNAMBUCO. ANO DE 1658

Instituto de Estudos Brasileiros

Coordenadores
JOÃO ADOLFO HANSEN
MARCELLO MOREIRA

Copyright © 2016 by Instituto de Estudos Brasileiros - USP
A consulta a este documento fica condicionada à aceitação das seguintes condições de uso:
Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar o nome da pessoa autora do trabalho.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros - USP.

S111s

Sá, Antônio de
Sermão da Conceiçam da Virgem Maria Nossa Senhora, que pregou o R. Padre Antônio de Sá da Companhia de Iesu(s) na Igreja Matriz do Recife de Pernambuco. Ano de 1658 / Antônio de Sá ; coordenação, edição, transcrição e notas João Adolfo Hansen, Marcello Moreira - São Paulo : Instituto de Estudos Brasileiros, 2016.
60 p. (Cadernos do IEB, ISSN 2525-5959; v. 8 , 2016)

Fac-símile da edição publicada em 1675.
ISBN 978-85-86748-13-4
DOI : 10.11606/9788586748134

1. Sermão - Século 17 - Pernambuco 2. Obras raras - Século 17 I. Hansen, João Adolfo, coord. II. Moreira, Marcello, coord. III. Título

CDD 869.539

Direitos reservados

Instituto de Estudos Brasileiros – IEB-USP
Edifício Brasiliana, Praça do Relógio Solar, 342
Cidade Universitária - CEP: 05508-115
São Paulo - SP, Brasil
Difusão Cultural: Tel. (11) 3091-1149
www.ieb.usp.br – e-mail: difusieb@usp.br

CADERNOS DO IEB 8

SERMÃO DA CONCEIÇAM DA VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA, QUE PREGOU O R. PADRE ANTÔNIO DE SÁ DA COMPANHIA DE IESU(S) NA IGREJA MATRIZ DO RECIFE DE PERNAMBUCO. ANO DE 1658

Instituto de Estudos Brasileiros

Coordenadores
JOÃO ADOLFO HANSEN
MARCELLO MOREIRA

SUMÁRIO

Cadernos do IEB 9

Apresentação 10

O elogio da perfeição da Virgem 11

O SERMÃO 22

Digitalização do Sermão 23

A TRANSCRIÇÃO 43

Transcrição do Sermão 44

_CADERNOS _DO IEB

Iniciada em 1997, a série *Cadernos do IEB* tem como proposta a divulgação da produção intelectual do Instituto de Estudos Brasileiros, resultado de projetos e estudos desenvolvidos por docentes, pesquisadores e discentes.

A série *Cadernos do IEB*, até o presente momento, conta com as seguintes publicações:

PORRO, Antonio. *Dicionário etno-histórico da Amazônia colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2007.

CARVALHO, Gilmar de. *Desenho gráfico popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte – Ceará*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2000.

FURTADO, Joaci Pereira (coord.). *O viver em colônia: cultura e sociedade no Brasil colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

FURTADO, Joaci Pereira (coord.). *Antônio Vieira: o imperador do púlpito*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília Ferraz de Castro (coord.). *Conversa de educadores: catálogo analítico da correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins. *Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703): habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2015.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti et al. (org.). *Culturas e identidades brasileiras*. Encontro de Pós-graduandos do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2016.

A série *Cadernos do IEB* está disponível, a partir da sexta edição, no Portal de Livros Abertos da USP.

_APRESENTAÇÃO

O Instituto de Estudos Brasileiros tem o prazer de disponibilizar, para o público, o Sermão da Conceiçam da Virgem Maria Nossa Senhora, que pregou o R. Padre Antônio de Sá da Companhia de Iesu(s) na Igreja Matriz do Recife de Pernambuco do ano de 1658, em edição fac-similar. Isso só se tornou possível graças ao excelente trabalho da equipe do Laboratório de Conservação e Restauro, sob a coordenação de Lúcia Elena Thomé, e à colaboração dos Serviços de Biblioteca e Coleção de Artes Visuais do IEB. É um dos resultados do projeto Coleção Alberto Lamego IEB/USP: recuperação, formação, digitalização e acesso, contemplado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, por meio do edital de Preservação de Acervos e Patrimônio Cultural. O referido projeto foi considerado como um dos destaques das Atividades de Cultura e Extensão, em 2013, do Instituto de Estudos Brasileiros.

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini
Diretora do IEB

_O ELOGIO DA PERFEIÇÃO DA VIRGEM

Maria, já mãe, quando escassamente filha: o Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora (1658), de Antônio de Sá, S.J.

João Adolfo Hansen & Marcello Moreira

O breve e agudíssimo Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora, pregado pelo jesuíta Antônio de Sá[1] no Recife, em 1658, é de gênero epidítico ou demonstrativo, gênero festivo. No exórdio, Sá define a data em que prega como "Grande festa para o melhor do Céu e para o melhor da terra". No mesmo exórdio, propõe a matéria da pregação, a Conceição da Virgem Maria, especificando uma dificuldade dela: "Como havemos de solenizar a Conceição da Senhora com um texto que não trata da sua Conceição?". Afirma que vai enfrentar a dificuldade fundamentando a argumentação justamente na ausência de referência. Esse procedimento retórico conhecido como *dificultação* determina que, no caso,

1 Sacramento Blake informa que Antônio de Sá nasceu no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1620 e faleceu em 1º de janeiro de 1678. Fez seus estudos no colégio dos jesuítas da cidade e ali tomou a roupeta em 1639. Lecionou Teologia e diversas matérias de humanidades. Foi a Portugal e a Roma, onde foi secretário-geral da Companhia de Jesus, voltando mais tarde à pátria. Discípulo do Pe. Antônio Vieira e, na opinião de contemporâneos, seu rival, foi chamado de "príncipe da tribuna eclesiástica". É considerado orador de linguagem pura, estilo agudo, correto e elegante e como um dos que mais se aproximaram de Vieira como seu melhor discípulo. Cf. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. ***Diccionario bibliographico brazileiro***. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883, 7 vol., v.1-A-B.

o orador evidencie sua habilidade argumentativa recorrendo engenhosamente à erudição teológica para achar razões de a Conceição da Virgem Maria não ser tratada no texto sagrado, o que torna programaticamente maior o louvor do seu desempenho oratório.

Em *Agudeza y arte de ingenio* (1642), o jesuíta Baltasar Gracián prescreve os meios para produzir a dificultação engenhosa do que se diz:

De ordinario se va cortando a los principios de los discursos, y al fin se ata. Va con suspensión el auditorio aguardando en qué ha de venir a parar, que es más arte que el declararse luego al principio, y así de más gusto, como sucede en los empeños, que cuanto más se van dificultando, se goza más de la acertada salida[2].

A formulação explica outra:

Es gran eminencia del ingenioso artificio llevar suspensa la mente del que atiende, y no luego declararse; especialmente entre grandes oradores, está muy valida esta arte. Comienza a empeñarse el concepto, deslumbra la expectación, o la lleva pendiente y deseosa de ver dónde va a parar el discurso, que es un bien sutil primor, y después viene a concluir con una ponderación impensada[3].

2 "De ordinário se vão atalhando os inícios dos discursos, e no fim se atam. Vá com suspensão o auditório aguardando em que há de vir a parar, que é mais arte que declarar-se logo ao princípio, e assim de mais gosto, como acontece nos empenhos que, quanto mais se vão dificultando, mais se goza com a acertada saída." GRACIÁN, Baltasar. ***Agudeza y arte de ingenio***. In: ***Obras completas***. Madrid: Aguilar, 1967, p. 268-271.

3 "Grande eminência do artifício engenhoso é manter suspensa a mente de quem espera, e não se declarar logo; especialmente entre os grandes oradores, esta arte anda muito considerada. Começa a empenhar-se o conceito, deslumbra a expectativa, ou a leva pendente e desejosa de saber onde vai parar o discurso, que é um primor bem sutil, e depois vem a concluir com uma ponderação inesperada." GRACIÁN, Baltasar, op.cit.

Assim, a aplicação do artifício da *ponderação de dificuldades* pressupõe que, quanto mais dificultosa é a verdade a ser demonstrada, mais agradável e estimado é o conhecimento do quanto ela custa. A ponderação de dificuldades consiste em antes evidenciar a dificuldade e, depois de deixá-la bem evidenciada, dar uma razão, que a desempenha e resolve sutilmente numa concordância engenhosa e aguda. A revelação impensada ou inesperada de uma correspondência profunda que se estabelece entre as coisas de que se fala apresenta-se para o público como solução de dificuldades que o próprio sermão levanta para si mesmo, adiando a sua resolução com novas dificuldades. Por meio do procedimento de dificultação, quando Antônio de Sá dá finalmente a conhecer os conceitos justos que desempenham as razões últimas do sermão, a significação deles incorpora a produção da evidência da Verdade da Palavra divina na própria ocasião em que prega. Assim, também a ocasião é participada sacralmente pela Presença. Todos os sermões sacros têm por fim efetuar essa *eficácia* ao mesmo tempo útil, bela e persuasiva da fala.

Mas como fundar o próprio empenho de achar as razões da pureza da Conceição de Maria na ausência de referências? Tendo fé na Graça de Deus e sabendo que, para ser com Maria, basta ser racional, ou homem, com fervores de devoto e obrigações de orador cortês. Depois, buscando não no tempo, em que Maria é filha, mas na eternidade, em que ela é Mãe, os argumentos para falar a partir da ausência.

Assim, terminado o exórdio, Antônio de Sá começa a desenvolver a narração, comentando o conceito predicável "*Maria de qua natus est Jesus*", "Maria da qual nasceu Jesus". Hoje, as agudezas engenhosas que aplica a esse desenvolvimento fazem seu sermão difícil, hermético e mesmo incompreensível para muitos leitores. No seu tempo, a mesma agudeza era modelo cultural de todo o corpo político do Império Português. Como prática simbólica sutil e peregrina, que relacionava conceitos distantes para revelar significações inesperadas, a agudeza distinguia os "melhores", como o mesmo Antônio de Sá e muitos ouvintes do sermão, capazes de entendê-la e produzi-la.

Na breve história da vida de Maria contada no *Novo Testamento*, ela é concebida por seus pais, Joaquim e Ana, para conceber Jesus Cristo, profetizado por muitas figuras do *Velho Testamento*, como a arca de Noé, a escada de Jacó, a vara de Moisés, a torre de Davi, o trono de Salomão, a Arca do

Testamento, o Tabernáculo no deserto, o Templo em Jerusalém. Filha de Joaquim e Ana e mãe de Jesus: temporalmente, Maria é filha, antes de ser mãe. Mas como é "já mãe quando escassamente filha?", pergunta Antônio de Sá, respondendo que, se em todas as criaturas o tempo antecede os favores da Graça, em Maria os favores da Graça vêm antes que a conjunção do tempo, pois a prerrogativa da Virgem é a de a Graça nela esperar o tempo. Por isso, lembra o pregador, o Evangelista lhe dá o título de Mãe antes do de filha. Por quê? Porque é Mãe *ab aeterno* e não se pode chamar "filha", que pressupõe o tempo. No caso, o orador cita Santo Agostinho: *"Antequam ipse ipsam Deus creavit de qua ipsa homo crearetur noverat matrem"* ("Antes que o mesmo Deus a mesma criasse da qual o homem seria criado ele a conhecera como mãe"). Que significa efetivamente esse *antequam* ("antes")? Quantos anos antes de nascer Maria se conhecia por mãe? Quantos séculos antes, quantos milhares de anos, quantos milhares e centenas de milhares de anos, quantos mais milhões e milhões de séculos antes, *antequam*? Antônio de Sá sabe que a eternidade não se mede pelo tempo. Assim, faz seus ouvintes entender que a soma de todos os tempos havidos, dos a haver e dos ainda por haver é infinitamente menos e infinitamente menor que um átimo de nada frente à eternidade. Logo, como pensar e, mais, como dizer a eternidade de Maria mãe e a maternidade eterna de Maria, que na eternidade desde sempre gera o Verbo, seu Filho que é seu Pai, que a cria ?

Antônio de Sá amplifica a dificuldade, remetendo a imaginação de seus ouvintes a imagens do eterno que são imagens sem forma e sem imagem. Como panegírico que louva a perfeição de Maria, o sermão recorre a lugares-comuns do gênero demonstrativo que, no caso, assemelha-se ao gênero deliberativo, pois as coisas que se louvam também são as que costumeiramente se aconselham. Logo, fazendo o elogio da perfeição da Virgem, o discurso do panegírico e o do conselho moral se complementam.

Depois de demonstrar que a maternidade de Maria não tem princípio, pois é Mãe na eternidade desde sempre, Antônio de Sá desenvolve novos argumentos, citando a admiração dos Anjos ao verem Maria: "Quem é esta que sai escolhida como o Sol?" (*"Quae est ista quae progreditur electa ut Sol?"*). Em sua predestinação eterna, nunca houve instante em que Maria não fosse Mãe, diz o orador. Por isso, assim como no eterno Pai desde toda a eternidade nunca houve ser real sem ser Pai, também em Maria

nunca houve ser objetivo, desde a eternidade, sem ser Mãe. Portanto, ela é comparada ao Sol do Pai: *"electa ut Sol"*. E porque sempre é Mãe – e por isso nela não houve o nome de filha – também nunca teve culpa, pois a mancha do pecado original é contraída pela razão de ser filho, não pela razão de pai. "Ninguém tem pecado original porque é pai, senão porque é filho", diz Antônio de Sá, para concluir que, se Maria é Mãe de Deus desde sempre, ela nunca há de ter pecado. Assim, se pudéssemos considerá-la somente filha de Ana, deveria ter culpa; mas Maria Mãe de Deus, *Maria de qua natus est Iesus*, não pode ter culpa.

Havendo ponderado o silêncio da Conceição de Maria, Antônio de Sá passa a ponderar o silêncio de seus pais. Maria tem pais, mas por que o Evangelista os cala? Por duas razões. A primeira é que Deus nos ensina que em Maria se deve considerar a Graça, não a natureza, porque é mais filha da Graça que da natureza. A prova está em *Isaías*, que Sá lê alegoricamente: *"Egredietur virga de radice Iesse, flos de radice eius ascendet ("*Brotará uma vara da raiz de Jessé e de sua raiz se abrirá uma flor"). Ou seja: a vara donde nasce a flor, que é Cristo, é Maria. E sua raiz é a Graça, pois a Encarnação do Verbo é toda obra da Graça, e nada da natureza. O pensamento de Antônio de Sá arrebata o ouvinte e o leitor do sermão em cascatas de silogismos: assim, como a raiz donde brota a flor é a Graça e se essa mesma raiz é a própria da vara, a raiz da vara é a Graça, e se Maria é a vara, a Graça é a raiz de Maria. Logo, se Maria teve seu princípio na Graça, como Maria teria princípio na culpa? Portanto, venera-se a Conceição por ser imaculada e puríssima.

Em seguida, a segunda razão: calam-se os pais de Maria, quando se concebe, porque não se concebe Maria para que Joaquim e Ana tenham filha, mas para que Deus tenha Mãe. Cristo é chamado fruto de Maria e a raiz desse fruto é o ventre da Senhora e a raiz desse ventre é a sua Conceição, pois se o fruto vive da flor, se a flor do ramo, se o ramo da vara, se a vara do tronco, se o tronco da raiz, da raiz vem a viver o fruto. Se o fruto não tem vício, presume-se que também não o há na raiz. Se o fruto não fosse Deus ou se Cristo fosse só homem, Maria não teria culpa ou Cristo também a teria, pois, sendo só homem, não nasceria puro de uma mãe impura. Mas, como Cristo é Deus, nele não há mácula e não houve mácula em Maria, porque, sendo Deus, se na mãe houvesse faltas, nele não poderia haver faltas.

Continuando a argumentação, Antônio de Sá desenvolve a tópica da Encarnação do Verbo. Recorre à comparação da Encarnação com o orvalho feita em *Deuteronômio, 32,1-2*; em *Juízes, 6,37*; e em *Isaías, 45,8*. Qual é a propriedade do orvalho? Descer e assumir a cor e a aparência do corpo sobre o qual desce. Se o Verbo desce a encarnar em Maria e se Maria tem culpas, o Verbo deve ter aparências de culpa. Mas tal não ocorre. O que se infere? Maria não tem culpas, ou seja, Maria é pura, Maria é imaculada. E por que e para quê? Por crédito da pureza de Cristo e para abono da sua divindade. Logo, se é inevitável que os descendentes de Adão recebam o ser com mácula, não há como haver receio de confessar que Maria o recebeu sem mancha, pois Maria não se mede pelos homens, mas por Deus.

Logo, na data da Conceição, publica a Senhora as grandezas que Deus nela obra: "*Fecit mihi magna qui potens est*", como se lê no *Evangelho segundo Lucas, 1,49* ("Fez em mim coisas grandes o que é potente"). Antônio de Sá introduz uma distinção teológica: o Evangelista não diz "*qui omnipotens est*", mas "*qui potens est*". Por quê? Deus não é onipotente? Certamente que sim. Por que então diz que Deus é potente? Aqui, Antônio de Sá refere Santo Tomás de Aquino (1225-1274), Francisco Suárez (1548-1617) e Gabriel Vásquez (1549/1551-1604), teólogos renomados, que distinguem *potência* de *onipotência* em Deus. *Potente* se diz do Pai, que gera o Filho; e do Pai e do Filho, que produzem o Espírito Santo. *Onipotente* se diz da Trindade, referindo as criaturas, de modo que a potência em Deus respeita à produção das pessoas *ad intra*, para dentro; e, a onipotência, a produção das coisas *ad extra*, para fora. A diferença de *potência* e *onipotência* é que esta é para as coisas criadas e, aquela, para as pessoas divinas. Por que, assim, Maria diz: "*Fecit mihi magna qui potens est*" e não "*Fecit mihi magna qui omnipotens est*"? Porque Maria é pessoa humana, mas Deus a trata como pessoa divina. Deus tanto a singulariza que não a trata com a onipotência com que cria coisas *ad extra*, mas com a potência com que produz pessoas *ad intra*.

Antônio de Sá está terminando o sermão e conclui que não se pode regular Maria pelos homens, *ad extra*, e que os devotos devem saber que Maria não padeceu queda nem risco, nem dano, nem contingência, nem infortúnio, nem soçobro, nem ruína, nem perigo, como todos os homens padecem. Pois não teve desdouro em sua Conceição, mas recebeu o ser imaculada; e não admitiu culpa, e respirou santa, e não foi vítima de

Satanás, mas desde sempre é soberana Graça, que no dia da Conceição se venera e louva.

A seguir, vejam-se algumas determinações doutrinárias dessa prática oratória. Durante o Concílio de Trento (1540-1563) e depois dele, para combater a reforma protestante, a Igreja Católica decretou a transmissão oral das duas fontes da Revelação, a *tradição* e as *Escrituras*, determinando que contêm a Palavra de Deus e são a regra primeira da Fé. Para atacar a tese luterana da leitura individual da Bíblia, determinou que padres oradores repetiriam nos púlpitos a concordância alegórica, analógica ou figural estabelecida por teólogos autorizados entre eventos, ações e homens dos dois *Testamentos*, pregando que a verdade latente no *Antigo* está patente no *Novo*.

Segundo a tese luterana da lei do pecado original, o pecado torna os homens incapazes de distinguir o Bem do mal. A consequência política da tese é a afirmação de que os reis reinam por "direito divino" para impor ordem à anarquia dos homens incapazes de dirigir a vida eticamente. Enviados por Deus, os reis têm autoridade para legislar em matérias de poder espiritual, dispensando a autoridade delegada por Cristo ao Papa. Por meio dos jesuítas, que divulgaram a doutrina de Molina sobre a Graça inata, fazendo conciliação entre a presciência divina e o livre-arbítrio humano, o Concílio de Trento decretou que o pecado não corrompe totalmente a natureza humana e determinou que o dogma da luz natural da Graça inata devia ser universalmente difundido como critério definidor da legitimidade dos códigos legais inventados pelos homens para governar-se. No século XVI, em Portugal e nas missões jesuíticas do Estado do Brasil, e, a partir do século XVII, do Estado do Maranhão e Grão-Pará, a pregação oral foi o instrumento privilegiado de divulgação da Palavra divina, afirmando que a luz natural da Graça inata aconselha a consciência a escolher o bem e a aborrecer o mal.

Assim, a partir do século XVI, os tratados de retórica que se apropriaram catolicamente das retóricas gregas e latinas passaram a afirmar que, no ato da invenção dos discursos, o juízo dos autores é aconselhado pela luz natural da Graça, que orienta os efeitos de significação e sentido do que dizem como eficácia didática, prazer engenhoso e envolvimento persuasivo. Nas proporções e adequações verossímeis e decorosas da forma, os estilos demonstram a presença divina no mundo como analogia

de atribuição, proporção e proporcionalidade. Quando o orador sacro fala de modo justo, ou ortodoxo, evidencia externamente (*in foro externo*) a presença da luz divina acesa na consciência (*in foro interno*) como a sindérese, a "centelha da consciência", que orienta o livre-arbítrio.

O sermão sacro é um gênero popular público. No caso, o termo "público" não deve ser entendido de modo democrático, como hoje, mas como a totalidade do corpo político do Estado definida e representada no sermão como totalidade de ordens e estamentos sociais subordinados no pacto de sujeição ao rei. O sermão compõe seus destinatários aristocratas e plebeus, livres e escravos, como tipos subordinados dessa totalidade que *devem* reconhecer sua posição social subordinada. Assim, o orador reproduz o que cada destinatário particular já é, como membro subordinado do corpo místico do Estado, prescrevendo que *deve* ser e persuadindo-o a permanecer sendo o que já é[4]. Logo, a pregação é uma teatralização corporativista de crenças coletivas que revela para o destinatário particular o próprio público, no qual ele se inclui, como totalidade jurídico-mística de destinatários integrados em ordens e estamentos sociais subordinados ao rei no pacto de sujeição.

No século XVII, em Portugal e suas duas colônias americanas, a pregação litúrgica nos dias de preceito e a pregação extraordinária na época do Advento, Quaresma, Pentecostes e Rogações, nas festas das invocações de Cristo e Maria, nos novenários e oitavários das solenidades de Santos, nos tríduos das Almas, nos aniversários de fundação de templos e conventos, nas tomadas de hábito, nas exéquias e nas inumeráveis ações de graças por acontecimentos de natureza variada foram presença muito ativa na vida dos fiéis, obrigados a assistir à pregação de âmbito paroquial.

Já no século XVI, os jesuítas passaram a definir a representação em geral como *theatrum sacrum*, teatro sacro, que põe em cena a sacralidade da teologia-política católica. Então, a escolha da via oral para transmitir a verdade canônica confirmada no Concílio de Trento estimulou a retomada das retóricas antigas. Nos decretos tridentinos, a reforma do sacerdócio e do episcopado, de um lado, e a reforma da eloquência, de outro, dotaram de nova autoridade o modelo do *orator* ciceroniano. A retórica nunca havia deixado de ser atuante, embora até o início do século XVI sua presença no

4 MERLIN, Hélène. ***Public et littérature en France au XVIIe siècle***. Paris: Belles Lettres, 1994, p. 385-388.

ensino fosse por assim dizer mais modesta. Na situação pós-tridentina, ela se tornou uma das principais disciplinas do ensino jesuítico, fornecendo modelos para todas as práticas de representação.

O *Ratio studiorum*, publicado pela Companhia de Jesus em janeiro de 1599, especifica que a retórica deve dar conta de três coisas essenciais que então resumem e normalizam toda a educação, os *preceitos*, o *estilo* e a *erudição*. Para ensiná-las aos futuros pregadores, os jesuítas retomaram textos latinos antigos, principalmente as *Partições oratórias* e o *De oratore*, de Cícero, a *Retórica para Herênio*, do Anônimo, então atribuída a Cícero, e a *Instituição oratória*, de Quintiliano. No século XVII, a retórica ensinada segundo essas autoridades fundamentou todas as artes, que então se associaram intimamente à difusão do modelo cultural do cortesão, fazendo a apologia da discrição católica fundamentada na prudência das ações, na agudeza da dicção e na civilidade das maneiras, tal como se lê no texto de Baldassare Castiglione, *O livro do cortesão* (1528), e no de Giovanni Della Casa, *Galateo ovvero de'costumi* (1558).

Em *De doctrina christiana*, Santo Agostinho tinha adaptado à pregação as três funções retóricas da eloquência ciceroniana: *docere* (ensinar), *delectare* (agradar), *movere* (persuadir). Na adaptação, o *docere* ciceroniano torna-se o ofício do *Doctor*, o doutor, que conhece a verdade; o *delectare*, ofício do *Defensor*, que defende a verdade; e o *movere* (Santo Agostinho escreve *flectere*), do *Debellator*, que, por meio da verdade, faz os pecadores envergonhar-se. A Contrarreforma opôs vida beata a vida libertina, e Santo Agostinho e outros padres da Igreja, como São Jerônimo, que afirmara ter tido um sonho em que Cristo lhe dizia que não era cristão porque ainda era ciceroniano, forneceram os critérios teológicos para a moralização da prática das técnicas oratórias. Tanto o ensino pós-tridentino quanto a pregação sacra realizam o fim civilizatório do governo das almas por meio da palavra exposto por Cícero no *Orator*. Neste, as virtudes e estilos associados ao *docere* e ao *movere* tendem a dominar os efeitos agradáveis e ornamentais do *delectare*. É o caso da clareza da disposição, proposta em termos de utilidade, ou da *sublimitas in humilitate*, o estilo sublime no humilde, que Bernardo de Claraval doutrinou como o mais adequado ao pregador, que com ele revela a presença sublime de Deus no mundo, santificando as coisas humildes. Segundo as diretivas do Concílio, o novo tipo de pregador devia fundir, na invenção do sermão e na ação da pregação,

os modelos do orador ciceroniano e do doutor agostiniano. Ou seja, a Retórica e a Teologia, subordinando a primeira à segunda, para tornar a palavra não só eloquente, persuasiva e eficaz, no sentido ciceroniano, mas principalmente para fazer dela uma revelação substancial da sua Causa Eficiente, Deus, segundo as duas fontes autorizadas pela Igreja, a *tradição* e as *Escrituras*.

No *Sermão da Sexagésima*, pregado por Vieira em 1655 na Capela Real de Lisboa e que se tornou modelo do "método português de pregar", a censura dos "estilos cultos" baseados em conceitos agudos sem proporção teológica explicita a ortodoxia conciliar quanto à pregação. Todas as agudezas devem ter tal proporção ortodoxamente teológica, propõe Vieira, que equipara a oratória dos dominicanos rivais a uma cena de comédia, desqualificada como farsa e falta de decoro. Nesse tempo, os tratados retóricos de Peregrini, Pallavicino, Gracián e Tesauro; os manuais de Valiero, Estella e Panigarola; as antologias de sermões de Paravicino, Dijon, Avendaño, Musso e do mesmo Vieira tiveram enorme difusão, sendo muitíssimo imitados.

Em Portugal, o sermão jesuítico, tal como o que foi praticado por Vieira e contemporâneos, como Antônio de Sá, previa a noção de *ductus*, definida por Fortunato e Marciano Capela como a relação que o orador estabelece entre o *tema* específico da pregação e o *consilium*, o aconselhamento acerca de um assunto de interesse coletivo. Na oratória sacra, levando-se em conta o calendário litúrgico e a regra de tratar assuntos bíblicos preestabelecidos, os temas eram propostos de modo impositivo; mas oradores hábeis, como é o caso de vários jesuítas do tempo das guerras portuguesas de Restauração, entre 1640 e 1668, sempre deram um jeito de conduzir eficazmente os temas para o *consilium*, tratando de assuntos contemporâneos de interesse coletivo relacionados ao "bem comum". Quando relacionavam *tema* e *consilium*, ocupando-se por exemplo da guerra contra a Espanha, da luta contra os invasores holandeses, da escravidão de índios e africanos, da missão profética de Portugal no mundo etc., dispunham do método da interpretação alegórica das *Escrituras*, que estabelece a *concordância* ou a relação profeticamente analógica entre dois homens ou dois eventos distanciados no tempo, como Moisés e Cristo e a fuga dos hebreus do Egito e a ressurreição de Cristo, também estabelecendo a concordância

do tema das *Escrituras* específico da data litúrgica em que o sermão era feito e algum assunto circunstancial.

No caso do *Sermão da Conceição de Maria* tratado no início deste texto, evidencia-se a erudição teológica de Antônio de Sá, aplicada segundo as regras que o *Ratio studiorum* prescrevia, determinando que também os textos de Cícero deviam ser modelos para o estudo e o exercício da elocução e da disposição (cf. *Ratio studiorum, Regulae professoris rhetoricae*, 6, 8). No ensino jesuítico, Cícero era ao mesmo tempo objeto da preleção magistral e modelo para os exercícios do estilo. A *eruditio*, no caso, correspondia à *cognitio rerum* e à *cognitio verborum*, o conhecimento das coisas *(res)* da invenção, lugares-comuns, argumentos ou tópicas, e das palavras *(verba)* da elocução, ornatos, tropos, figuras. Sabe-se que essa erudição era geralmente adquirida não pelo estudo direto de manuais de história ou de letras, mas por meio da leitura e explicação de autores. O ensino jesuítico da Retórica feito como exercício visava à agilidade do orador no manejo da erudição, principalmente a erudição doutrinária. Para obter tal agilidade, um tratado helenístico de Retórica, o *Progymnasmata*, de Aftônio, foi muitíssimo usado em exercícios com que os alunos aprendiam a construir uma frase com dois, três, quatro e mais membros; a transpor um texto em prosa para verso e vice-versa; a representar um tema determinado em estilo abundante, em estilo conciso, com sentido próprio ou figurado etc. O aluno aprendia a compor um discurso segundo as oito partes da *chria*, termo que significa "sentença", ou dito sentencioso de personagem histórico: *preâmbulo*, *paráfrase*, *causa*, *contrário*, *similitude*, *exemplo*, *testemunho* e *epílogo*. Também aprendia a compor um exórdio, uma peroração e outras partes do discurso, para escrever, depois de dominar a técnica de cada uma delas, um texto à moda asiática de Cícero, um epigrama à moda de Marcial, um discurso de estilo ático à moda de Sêneca, outro com as diversas formas ou estilos propostos por Hermógenes etc.

Assim, quando o leitor antigo lia as páginas de rosto de *pliegos*, impressos de pequeno formato de papel barato e tipos muitas vezes já parcialmente gastos em que foram editados muitos sermões de Antônio Vieira e Antônio de Sá, tinha em mãos um sermão depois de ter sido pregado; às vezes, muitos anos após ter sido pregado, com informações sobre o local e o dia da pregação: "Sermão de S. Inácio, Fundador da Companhia de Jesus. Em Lisboa, no Real Colégio de S. Antão, Ano

O SERMÃO

SERMÃO
DA
CONCEIÇAM
DA
VIRGEM MARIA
NOSSA SENHORA,

QVE PREGOV
O R. PADRE ANTONIO DE SAA'
DA
COMPANHIA DE IESV.
NA
IGREIA MATRIZ DO RECIFE DE PERNAMBVCO
Anno de 1658.

EM COIMBRA.
Com todas as licenças neceſſarias:
Na Officina de IOSEPH FERREYRA: Anno 1675.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Mariæ de qua natus eſt IESVS. Math. 1.

GRANDE feſta pera o melhor do Cèo, & pera o melhor da terra, pera o melhor do Cèo, porque toda a Trindade intereça noticias em Maria, como diz Cryſologo; pera o melhor da terra, porque na Conceição deſta Senhora os Theologos tem nobre materia, pera diſcutir ſutilezas; os entendidos pera leuantar penſamentos; os cortezãos pera deſcubrir vrbanidades; os deuotos pera apurar affectos; que por iſſo (quiçà) não tẽ determinado a Igreja eſte myſterio, pera dar lugar aos Fieis que empenhados na piedade deſta Senhora: jà nas eſcolas, jà nos pulpitos, jà nos eſcritos, jà nas praças, procurem com nouidade affectuoſa, firmar ſua immaculada pureza; mas o mal he, que ſendo a feſta da Conceição de Maria, não parece acomodado à Conceição de Maria o Euangelho da feſta; tudo nelle ſaõ Conceiçoens, deſde Iſaac atè Ioſeph, mas em todo elle não ſe topa com a Conceição de Maria; tudo nelle ſaõ pays deſde Ioſeph atè Iſaac, mas os pays de Maria, não ſe achão em todo elle; & finalmente não ha no Euangelho outra couſa de Maria, ſenão que he Mãy de Deos: *Mariæ de qua natus eſt Iesvs.* Pois como he poſsiuel que ſirua o Euangelho de Maria mãy, na feſta de Maria filha? como auemos de applaudir a Maria

concebida, quando não encontramos pays a Maria? Como hauemos de ſolennizar a Conceição da Senhora com hum texto que não trata da ſua Conceição? Ora neſſas que parecem faltas no Euangelho auemos de fundar as razoens da pureza ſingular da Conceição de Maria: o aſſumpto he vulgar, que a breuidade do tempo não deu lugar a outra eſcolha, mas ſem affectação de Theologo, entre os quais me confeſſo o vltimo; nem jactancia de entendido, em cujo numero, nem me conto por menor; ſó com obrigaçoens de cortès, & feruores de deuoto, que pera o ſer com Maria baſta ſer racional, procurarei que tenhão as prouas algũa nouidade. AVE MARIA.

Mariæ de qua natus eſt Iesvs. Que pouco ajuſtada clauſula ao parecer eſta? jà mãy quando eſcaçamente filha? jà com o filho de Deos nos braços, quando a penas concebida em Anna? ſe ainda não he tempo de lograr a maternidade, como ſe lhe dà a maternidade antes de tempo? porque, ſe nas outras creaturas he primeiro a conjunção do tempo, que os fauores da graça, em Maria com excellencia ſingular ſaõ primeiro os fauores da graça, do que a conjunção do tempo.

Da raiz de Ieſſé, diz Iſaias, brotarà hũa vara tão vnicamente felix, que nella ſerà o meſmo apontar verde, que abrir florida: *Egredietur virga de radice Ieſſé, & flos de radice ejus aſcendet?* Que dizeis Profeta ſagrado? no meſmo tempo vara, & flor? aonde ſe virão nunca brotar juntas flor, & vara? primeiro a vara ſe anima em tronco, dilata em folhas, copa em ramos, & então concebendo em

clauſ-

clauſtros verdes, arroja fermoſuras, exhalla fragrancias, deſprega flores; pois como pullão aqui a hũa vara, & flor? que elcaçamente apóte vara: *Egredietur virga*, & que logo ſe veja coroada de flor, *& flos de radice ejus?* Sim, diz Hieronymo, que eſta vara he Maria: *Maria virga eſt*: & he tanta a ſingularidade deſſa vara, que ſe nas outras aguarda o tempo pellas flores, neſta as flores ſe anticipaõ ao tẽpo; ſe nas outras plantas não ha veſtir bellezas, ſem animar verduras, eſta he taõ priuilegiada, & vnica, que nella he o meſmo animar verduras, que veſtir bellezas; ſe nas demais creaturas florece a graça depois de o pedir a natureza, em Maria antes de o pedir a nutureza, florece a graça; *Egredietur virga de radice Ieſſè, & flos de radice ejus aſcendet.* Pois ſe eſta he a prerogatiua de Maria, eſperar nella a graça pello tempo, & não o tempo pella graça, cõ muita rezão lhe dà o Euangeliſta o titulo de Mãy antes da deſpoſição do tempo: pera que ſe ha de eſperar pellos annos, pera atribuir o fauor, aquem faz o Cèo os fauores ſem reſpeitar a annos? digaſſe Maria mãy, quando ſe concebe, que ſe eſſa maternidade he graça do Cèo, em Maria as graças do Cèo não dependem do tempo? Bem eſtà iſſo, chameſſe Maria embora mãy antes de ter idade pera o ſer, mas primeiro que ſe chame mãy, chameſſe filha. Obſerue o Euangeliſta neſta Senhora o meſmo eſtillo, que obſerua em ſeus aſcendentes: diz S. Matheus q̃ Iſaac foi pay de Iacob: *Iſaac genuit Iacob*, mas primeiro diz que Iſaac foi filho de Abrahão: *Abraham genuit Iſaac*; & aſsi procede na relação dos demais progenitores, intitulan-

tulandoos primeiro filhos, do que os entitule pays;pois em Maria,porque ſe altera eſta ordem,porque ſe chama mãy, ſem ſe nomear filha: *Mariæ de qua natus eſt Iesvs?* & como queremos,que o Euangeliſta deſſe o nome de filha a Maria, ſe Maria ſempre foi mãy;o ſer filho he primeiro que o ſer pay;eſta Senhora he mãy ab eterno,& quem ab eterno he mãy, como ſe ha de intitular em tempo filha.

Maria ab eterno mãy? Sim, ouui a Agoſtinho: *Antequam ipſe ipſam Deus crearet, de qua ipſe homo crearetur nouerat matrem*, antes que Deos criaſſe Maria, da qual elle auia de nacer,jà a conhecia por mãy,myſterioſo *antequã*, antes que? Quantos dias,quantos annos, quantos ſeculos antes que ſe criaſſe Maria, ſe conhecia por mãy, *Antequam Deus ipſam crearet*, antes que Deos a criaſſe. Diuino, & incomprehẽſiuel termo! Repeti hum,& outro,& mais ſeculos, lede a Agoſtinho, *Antequam*,antes de todos eſſes ſeculos jà Maria era mãy: tornai atras milhares, & milhares,& centenas de milhares de annos; & tornai a Agoſtinho que? *Antequam*: antes de todos eſſes annos, jà era mãy Maria; Pondeuos mais atras milhoens, & milhoens de ſeculos,& a eſſes acrecentai outros tantos,vinde a Agoſtinho que? *Antequam ipſe ipſam Deus crearet nouerat matrem*, jà Maria antes de todo eſſe tempo era mãy; que eternidade de mãy? nem cuidem que eſta maternidade eterna, he ſómente por preuiſaõ,porque ab eterno foi Maria preuiſta pera mãy;he maternidade eterna por officio; porque repreſentandoſe eternamente ao entendi-

dimento do Pay, o concurſo materno do ventre deſta Senhora; do conhecimento deſſe concurſo materno do ventre de Maria procedeo o Verbo: Fundaſe eſta minha reſolução em Theologia muito admittida, & tem por fautor ao meſmo Eterno Pay.

Falla elle com o Eterno Verbo; & diz aſsi: *Ex vtero ante luciferum genui te*: no mais ſecreto da eternidade vos gerei do ventre: que quer dizer vos gerei do ventre? o Eterno Pay gera ao Eterno Verbo pello entendimento; pois, porque não diz: *ex mente*, vos gerei do entendimento; ſenão: *ex vtero*, vos gerei do ventre? porque falla do vẽtre de Maria, de cujo concurſo objectiuo, em quanto ab eterno ſe repreſentaua a ſeu entendimento, gerou o Verbo: Tinha o Eterno Pay aos olhos a maternidade deſta Senhora pera com Chriſto, & do conhecimento deſſa maternidade produzio a ſeu Eterno Filho. Logo jà então Maria exercitaua de algum modo o officio de mãy, pera com o Verbo, pois concorria a maternidade de Maria pera a produção do Verbo; logo não tem Maria principio de ſua maternidade, porque tanto que foi predeſtinada pera ſer, que foi ab eterno, logo foi mãy, & niſto ſe me não engano ſe fundou aquella celebre admiração dos Anjos: *Quæ eſt iſta quæ progreditur*, dizem elles, *electa vt Sol*? Quem he eſta que ſahe eſcolhida como o Sol? ſe conſultarmos a S. Cyrilo Alexandrino, & a Santo Athanaſio, acharemos, que eſte Sol he o Eterno Pay: *Sol Pater eſt*, Sol o Eterno Pay; & Maria eſcolhida, como o Sol? Que dizeis Anjos? que auemos de dizer? muito nos ad-

admira isso. *Quæ est ista?* Mas não podemos deixar de o sentir assi, quando a encontramos tão semelhante a esse Sol; se pomos os olhos no Pay, vemos que nenhum instante se deu em que não fosse pay; porque foi Pay, desde que subsistio Pessoa, antes por isso subsiste Pessoa distincta, porque he Pay. Se pomos os olhos em Maria, vemos que nem em sua perdestinação eterna, se deu instante em que não fosse mãy; porque foi mãy desde que foi perdistinada pera ser; antes por isso foi perdistinada pera ser, porque era mãy; & como nòs vejamos que assi como no Eterno Pay não ouue desde a eternidade ser real, sem ser Pay, assi em Maria não ouue desde a eternidade ser objectiuo, sem ser mãy; por isso ainda que muito admirados da semelhança, a comparamos ao Sol do Pay. *Quæ est ista, quæ, progreditur electa vt Sol?* pois se nunca ouue Maria ab eterno, sem ser mãy, como a hauia de intitular o Euangelista em tempo filha? & se em Maria não cabe nunca o nome de filha, porque sempre he mãy, nunca ouue culpa em Maria. Notai: a macula original do peccado contrahese pella rezão de filho, & não pella rezão de pay. Ninguem tem peccado original porque he pay, senão porque he filho; donde se pregunta nas escholas, se Deos criasse agora hũ homem de hũa pedra, se hauia de incorrer este homem na macula original? & respondesse que não, & todo o fundamento he; porque neste homem assi criado não hauia rezão de filho. Logo se Maria he mãy de Deos sempre, em verdade que não ha de ter peccado nunca. Maria filha de Anna,

se

ſe a puderamos conſiderar aſsi ſómente pudera, & deuera ter culpa, porèm Maria mãy de Deos, nem deue nem pode ter mancha, pois ſempre que a concideramos Maria, a auemos de encontrar mãy, & por ſer iſto aſsi, pera nos moſtrar o Euangeliſta a pureza eſtremada deſta Senhora, cala hoje ſua Conceição onde he filha, & publicaſe o parto onde he mãy: *Mariæ de qua natus eſt Iesvs.*

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Temos ponderado o ſilencio da Conceição de Maria; ponderemos agora o ſilencio de ſeus pays: he couſa eſtranha, que em todo eſte Euangelho entre tantos pays, & mãys, & filhos não aja pay nem mãy de Maria, que? não tem pays eſta Senhora? Atreuiame com ſutileſa piadoſa a dizer que não, mas porque eſta ſouidade pede mais tempo, que o que eu tiue, fique pera outra occaſião: Pays tem Maria. Pois pera que os cala o Euangeliſta? por duas razoens? a primeira he porque nos quer Deos enſinar, que em Maria não ſe ha de conſiderar a natureza, ſenão a graça, porque mais he filha da graça do que da natureza; tão pouco tem Maria de natureza, & tanto da graça, que mais parece parto deſta, do que daquella.

Tornemos à vara de Iſaias em cujas raizes cauaremos a proua: *Egredietur virga de radice Ieſſé, & flos de radice ejus aſcendet.* Da raiz de Ieſſé brotarà hũa vara; & de ſua raiz abrirà hũa flor; duas raizes, temos aqui hũa de que nace a vara, *virga de radice*, outra de que nace a flor, *& flos de radice.* E qual vos parece, que he a raiz propria da vara? adonde ella, ſae, ou adonde abre a flor? adonde abre a flor, eſſa he a raiz propria da vara. Conſiderai a força do

texto: *Egredietur virga de radice Ieſſé*, ſahirà hũa vara da raiz de Ieſſé; de Ieſſé diz, que he a raiz donde ſae a vara: *Et flos de radice ejus aſcendet*, aduerti no *ejus*, & da raiz deſſa vara, (que ſobre ella cae o *ejus*) brotarà hũa flor, da vara diz que he a raiz donde brota a flor. Eſtais jà em q̃ a raiz donde ſobe a flor, he a raiz propria, & particular deſſa vara? diſcorrei agora o myſterio: Eſta vara he Maria, & eſta flor he Chriſto, conforme o commum ſentir dos Santos, baſte Hieronymo por todos: *Maria virga eſt, flos Chriſtus*: A raiz donde teue ſeu principio Chriſto, que he a flor, he a graça, porque a Encarnação do Verbo, he obra toda da graça, & nada da natureza; inferi agora: a raiz donde brotou a flor he a graça, logo ſe eſſa meſma raiz he a raiz propria da vara, a raiz da vara vem a ſer a graça; & ſe Maria he eſſa vara, a graça vem a ſer a raiz de Maria. Da natureza teue Maria ſeu principio, mas deueo tam pouco a natureza, que ſenão chama raiz ſua a de Ieſſé, a natureza donde ella naceo, como terra vara, mas chamaſe ſua raiz a de Chriſto, a graça donde elle brotou como bella flor; andem agora os eſcrupuloſos a ſoſpeitar culpa em Maria. Em todo o rigor da Theologia, nẽ Deos pode fazer, que eſtejão juntas em hũa alma, a culpa, & a graça; pois ſe Maria teue ſeu principio na graça, como hauia de ter neſſe principio culpa? haſſe de atreuer noſſa demazia a cuidar o q̃ Deos não pode fazer? Rendamos o juizo deuotos, & veneremos a Cõceição deſta Senhora por immaculada, & puriſsima.

Vamos à ſegunda rezão: Calaõſe os Pays de Maria, quando ſe concebe, porque não ſe concebe Maria, por-

que

que Ioachim, & Anna tenhaõ filha, ſenaõ porque Deos tenha mãy. Não notais o eſtillo do Euangeliſta que quãdo hauia de dar pays a eſta Senhora lhe dà filho: *Mariæ, de qua natus eſt Iesvs.* Pois que outra couſa he iſſo, ſenão moſtrar, que eſta Senhora naõ recebe o ſer, pera que tenhaõ filhas ſeus pays, & que por iſſo os cala, ſenaõ pera que tenha Deos mãy, & que por iſſo o publica? ſe Maria não ouueſſe de ſer mãy, naõ ſe concebera Maria, ſó por dar o ſer humano a Deos, recebe Maria o ſer; & ſe Deos naõ ouueſſe de encarnar, naõ exiſtira Maria: he Maria no mundo, o que o Eterno Pay no Cèo: a Peſſoa do Eterno Pay no Cèo toda he pera o Verbo, & naõ fora Peſſoa diſtincta o Pay, ſenaõ gerara o Verbo: a exiſtencia de Maria na terra, toda he pera Chriſto, & naõ exiſtira Maria, ſenaõ ouuera de parir a Chriſto: Oh que excellencia! oh que gloria! tudo o que he o Pay, he pera o Verbo; tudo o que he Maria he pera Chriſto; pera hauer de ſer mãy de Deos occupou Maria o ventre de ſua mãy, & naõ nacera Maria, ſenaõ ouueſſe de nacer della Deos. Buſquemos abono a eſta verdade, & ſeja ao eſcholaſtico, no mais eſcondido dos decretos diuinos, confeſſando antes de tudo, que ſe bem em Deos naõ ha tempos, as eſcholas com tudo haõ leuantado huns ſinais, pellos quaes ſe guiem nas luzes innaceſsiueis de ſua ſabedoria.

Preuio pois Deos no primeiro ſinal a Adão com todos ſeus deſcendentes futuros, nos quais naõ entraua Chriſto, nem Maria; logo no ſegundo celebrou com elle hum pacto, que foi darlhe a graça, & original juſtiça, com eſta condiçaõ, que ſenaõ comeſſe do fruito de hũa aruore, em

demonſtraçaõ de rẽdimento, paſſaria aquella merce naõ ſó real, ſenaõ diuina, com priuilegio inalterauel a todos ſeus filhos, mas ſe quebraſſe o preceito, que naõ paſſaria a merce a ſeus herdeiros; não bem tinha cuidado niſto, quando no terceiro final, vio quebrada a ley, roto o pacto, peccar Adaõ, perder a graça o pay, priuarſe della os filhos, & ficar aleiuoſos todos. Doeulhe o dano cõmum, a quebra de hũa imagem, que formou com tanto cuidado, & mais amoroſo quando offendido, entra no quarto final, & diz aſsi, pois que? haõſe de perder tambem, como o Anjo, os homens? ſerà eterna ſua ruina? naõ hei de tomar criatura intellectual nas maõs, que naõ ſe me caya dellas? ora ſeja hum de nòs outros homem; & tomemos ſatisfação no homem nos outros meſmos; aceitou então o Filho ſobre ſy o humanarſe, & morrer em hũa Cruz, pera ſua ſatisfaçaõ, & noſſo remedio. Pois de quem tomarâ carne? (& vai o quinto final) quem lhe daremos por mãy? Criemos a Maria com as excellencias, q̃ ſe requerem pera ſer mãy de Deos. Atè aqui a Theologia. Aduertiſtes bem na ordem, com que procede na materia? Pois pera deſcubrirmos nella o que buſcamos, pergunto eu agora; em que final determinou Deos a exiſtẽcia de Maria, no primeiro em que determinou a exiſtencia de todos os homens, que hauia de hauer no mundo, ou no quinto em que buſcou mãy pera Chriſto? No quinto, em q̃ buſcou mãy pera Chriſto, detreminou Deos a exiſtencia de Maria; logo (faço eſta illação valente) logo ſe Maria naõ ouueſſe de ſer mãy, naõ ouuera de ſer Maria; naõ ha que ter giuerſar, porque ſe a exiſtencia de Maria

ria não foi preuiſta no primeiro final, onde ſe preuio a exiſtencia dos outros filhos de Adão, ſenão no quinto onde foi perdeſtinada pera mãy de Deos, ſó pera ſer mãy recebe Maria o ſer; quem não ſe preuio exiſtente, ſenão quando ſe determinou pera mãy, ſó pera hauer de ſer mãy exiſte; niſto eſtà o melhor dos Doutores, & melhor que todos a meſma Senhora.

Ouuia no ſegundo dos Cantares: *Ego dilecto meo*, eu ſou toda pera Deos. Notai, que naõ diz, *Ego dilecti mei*, ſenaõ, *Ego dilecto meo*; eu ſou pera Deos: & que myſterio mais tem ſer pera Deos, do que ſer de Deos? tem muito myſterio; ſer de Deos, he moſtrar que recebe delle o ſer: ſer pera Deos, he inſinuar que recebe o ſer pera elle: & como eſta Senhora ſabia, que ſe lhe dera o ſer ſó pera ſer mãy de Deos, por iſſo, naõ diz: *Ego dilecti mei*, ſenaõ *Ego dilecto meo*; que he pera Deos. Pois ſe Maria naõ ſe concebe pera que Ioachim, & Anna tenhaõ filha, ſenaõ ſómente pera que Deos tenha mãy: que tem eſta Senhora com Satanàs: que tem com o pacto de Adaõ; como pode ſentir o contagio da natureza, aquella que naõ hauia de exiſtir creatura, ſenaõ ouueſſe de ſer homem o Creador? Pequem embora em Adaõ os outros, que exiſtem por amor da natureza, porque naõ falte a ſucceſſaõ de Adaõ. Mas Maria que ſó he por amor de Deos, porque lhe naõ falte mãy, porque ha de contrahir mancha Maria? Tiuera eſta Senhora grande rezaõ de queixa contra Deos ſe a naõ izentara de culpa. Que naõ ſe me de o ſer por amor de mim, ſenaõ por amor de Deos, & que ei de incorrer em peccado, como os outros, que ſaõ pera ſy? que naõ

 exiſta

exiſta pera que meus pays tenhaõ filha, ſenão pera que Chriſto tenha mãy, & que hei de participar a mancha de meus pays? Vede ſe a podia fundar com rezaõ,& julgai ſe era rezão que Deos lhe deſſe motiuo pera a fundar.

Temos viſto como aſsi em calar a Conceição, como tambem em calar os pays, atendeo o Euangeliſta, a eſtabelecer a pureza ſingular de Maria,mas onde mais, que tudo a corroborou, foi no filho, que lhe deu; *de qua natus eſt Iesvs.* Mãy de Deos, & peccado? naõ pode ſer; ou me haõ de por culpa no filho,ou não me haõ de por culpa na mãy. Vara chamou Iſaias a Maria, cujo fruito he Chriſto: *Egredietur virga de radice Ieſſé*: Vereis hũa aruore, q̃ eſcondida ao principio nas entranhas da terra,recebe pellos meatos occultos das raizes o ſucco vital, com q̃ alẽtada rompe o carcere, & ſae poſto q̃ humilde a luz: logo ſe leuanta preſumida em vara,& engroſſandocada dia no tronco deſprega ſua verde pompa, lança viſtoſos ramos, eſtẽde copados braços,& jà parece frondoſo gigante de boſque, a q̃ pouco ha era humilde cõpetencia da relua;finalmente viguroſa jà cõtra as aſperezas do inuerno,a beneficios do verão,& ardores do eſtio,abre toda em flores,& ſe deſentranha em fruitos toda. E donde vẽ a vida deſſe fruito?dõde o alẽto;donde os augmẽtos?Não ha duuida,q̃ da raiz,porque ſe lhe viciares eſta,murcharà logo o fruito;logo tudo o que he o fruito ſe deue atribuir à raiz? Claro eſtà. Ide agora comigo. Chriſto chamaſe fruito de Maria,a raiz deſte fruito he o vẽtre da Senhora a raiz deſte ventre he ſua Conceição:pois ſe o fruito viue da flor, ſe a flor do ramo, ſe o ramo da vara, ſe a vara do tronco,

tronco, ſe o tronco da raiz, deſſa raiz vem a viuer o fruito: haſsi? Pois ou não ouue vicio na raiz, ou ha vicio no fruito: & ſe não ha no fruito vicio, não ha que preſumir vicio na raiz. Fruito tam perfeito, & puro, com raiz viciada, & corrupta, he impoſsiuel; que da raiz depende a vida do tronco, da do tronco a da vara, da da vara a do ramo, da do ramo, a da flor, & da da flor a do fruito, & cõſeguintemẽte naõ viuèra o fruito ſe eſtiuera morta a raiz.

Bem eſtaua iſſo, dirà alguem, ſe o fruito não fora Deos, ſe Chriſto fora ſómente homem, bem ſe prouaua, que ou Maria não tinha culpa, ou que Chriſto tambem a tinha, porque ſendo puro homem, não auia de nacer puro de hũa mãy impura: porem como Chriſto he juntamente Deos, não parece que ſe deduz bem, q̃ ou nelle ha de auer macula, ou naõ ouue macula em Maria; porque como Deos, ainda que na mãy ouueſſe faltas, naõ podia auer faltas nelle. Ora eſtà eſtremadamente replicado, & ainda que pudera com Agoſtinho ſuſtentar ſem eſcandalo da fé, que ſe manchara o filho, ſe acaſo a mãy ſe manchara; *Si potuit inquinarè, cum eam faceret, potuit inquinari, cum ex ea naſceretur*: deixo iſſo, & digo, que ainda que em Chriſto não ouueſſem de cahir realidades de culpa, ſe contrahira Maria; pello menos auião de ſair as apparencias, auiaõ o desluzir as ſombras, ainda que não afeaſſe o delito.

He couſa celebre na eſcritura compararſe a Encarnação do Verbo ao orualho: no Deuteronomio: *Fluat vt ros eloquium meum*: nos juizes: *Si ros in ſolo vellere fuerit*: em Iſaias: *Rorate cæli deſuper*: Conſiderai agora a propriedade

dade do orualho: cahe hũa gota de orualho em hũa encarnada roza,& parece encarnado:cahe em hum branco lirio,& parece branco:cahe em hum roxo craúo,& parece roxo:cahe em hũa preta violeta,& parece preto:de sorte que o orualho toma as cores,& resultancias da cousa, em q̃ cahe:Dece oVerbo a encarnar em Maria,como orualho; que se segue? q̃ se Maria estiuera afeada com peccado, parece q̃ auião de resultar as apparencias noVerbo: & se no Verbo naõ ha apparencias de culpa,he final, que nunca ouue delito em Maria. Bemdito sejais vòs Deos meu,que quizestes decer, como orualho, pera que não se deuizãdo em vòs sõbra destaculpa,não presumisse nossa malicia defeitos nella.

Nem só importou a pureza de Maria; pera o credito da pureza de Christo, senão tambem pera abono de sua diuindade: Se Christo deixàra incorrer a Maria na mancha original, puderase duuidar (abstrahindo da luz da fee) se eraDeos: mas se a izentou da original mancha,não ha senaõ cõfessar q̃ he Deos Christo: & isso porque? porque a culpa deuiasse à natureza humana de Maria, & rõper Christo por esse foro da natureza, he final irrefragauel de sua diuindade.

Constitue o Senhor aMoysés Deos de Pharaò:*Constitui te Deum Pharaonis*: & que insignia vos parece que lhe dà,pera se dar a conhecer por Deos?hũa vara:*Virgam hanc sume in manu tua*.Ha tal cetro pera tal grandeza? hũa vara ha de ser a insignia da diuindade? Sim: não ha essa vara de endurecer os mares, ensanguentar os rios,alterar os elementos? Pois essa he a q̃ conuem pera diuisa da diuin-

dade

dade de Moysés, que atropellar as leys da natureza, he proua muito valente de hum ser diuino; pois se em izẽtar a Maria do peccado, estabelicia Christo os creditos de Deos, se a preseruação da mãy, de algum modo, era interesse da pureza do filho, quem se ha de persuadir, que o filho não refrearia o impeto da culpa na mãy? Sy refreou, fieis, sy refreou. Não o ouuis nas vodas de Canà? Reconheceo Maria que hia faltando o vinho aos conuidados, aduerte a Christo do caso, & respondelhe o Senhor: *Quid mihi, & tibi est mulier?* Mulher, & que vos vai a vòs, & a mim nisso? pareceuos muita sequidão a reposta. Pois entendei que foi muito mysterio. O vinho ainda não tinha faltado, hia a faltar, q̃ isso he: *deficiente vino*: Pois a isso diz Christo, *Quid mihi, & tibi est mulier?* Que vos vai, Maria, a vòs, nem a mim nisso? Faltas incorridas, danos jà feitos, he fauor, & milagre, q̃ me toca pera os outros: preuenir os danos, que ameação, escusar as faltas, que vẽ, antes de chegar, isso he gloria, que eu reseruo só pera vòs: deixai que se incorra a falta, que eu a remedearei despois que preseruar do dano, antes que chegue, isso foi só com vosco, porque ambos hiamos interessados nisso, vòs por mãy, & eu por filho, *Quid mihi, & tibi est mulier?* E se por tantos principios, como temos discursado, se conuense que se concebeo Maria sem faltas, porque temem algũs, que fosse assi? Porque he penção ineuitauel dos descendentes de Adão, que recebão o ser com mancha, ha de auer quem recee confessar, que o recebeo sem mancha Maria? O não aja tal receo no mundo, não queiramos medir a Maria por nòs, pois Deos a mede por sy.

Publica esta Senhora as grandesas que Deos nella obrára, & diz assi: *Fecit mihi magna qui potens est?* Fez em mim cousas grandes o que he potente: Reparai que he estremado reparo, & poderá ser que nouo: Reparai que não diz, *qui omnipotens est*: O que he omnipotente; senão, *qui potens est*; o que he potente: E que tem isso? que vai em que diga potente, ou omnipotente? que vai? Dai cõ com vosco na Theologia, perguntai aos Thomases, aos Soares, aos Vasquez, & às melhores cadeiras das Vniuersidades, que distinção ha entre potente, & omnipotente em Deos? Responderuoshaõ, que potente se diz o pay, por ordem a gerar o Filho; & o Pay, & o Filho por ordẽ a produzir o Espirito Santo; & que omnipotente se diz toda a Trindade, por ordem a fazer as creaturas: de sorte que potencia em Deos respeita a produçaõ das pessoas *ad intra*; & omnipotẽcia respeita a produçaõ das cousas *ad extra*; tendes alcançado a differença notauel, q̃ vai de potencia, a omnipotencia, que esta hè pera cousas criadas, & aquella pera pessoas diuinas? Tornai agora à proposição de Maria: *Fecit mihi magna, qui potens est*: fez em mim cousas grandes, o que he potente. Valhate Deos por Maria? se o termo da potencia em Deos saõ pessoas diuinas, & as creaturas saõ sómente termo da omnipotẽcia, como não dizes, que he Deos contigo omnipotente, senão potente? *Qui potens est?* Es pessoa diuina, ou es pessoa humana? pera q̃ he deter mais Fieis? Pessoa humana he Maria mas tal pessoa humana, que parece que a trata Deos como pessoa diuina. Tanto a singularizou entre todas as creaturas, que nãoparece que medio suas perfeiçoens

pella

pella omnipotencia com que obra *ad extra*, ſenão pella potencia com que produz *ad intra*. Pois ſe Deos regula por ſy a Maria, como a queremos regular por nòs? Confeſſemos ingenuamente deuotos, não ſó que Maria não padeceo queda, mas nem riſco; não sò dano; mas nem contingencia, não sò infortunio, mas nem ſoſſobro; não sò ruina, mas nem perigo. Aſsi o fazemos, Santiſsima Senhora, todos julgamos, que não tiueſtes em voſſa Conceição deſdouro, mas que recebeſtes o ſer immaculada; que não admitiſtes culpa, mas q̃ reſpiraſtes ſanta; q̃ não vos ſaltearão temores, mas que lograſtes ſeguranças: que não foſtes vil deſpojo de Satanàs, mas deſuelo ſoberano da graça, eſta alcançai copioſa de voſſo filho, em primeiro lugar, pera quem tam grandioſamente feſteja os candores puros de voſſa madrugada, & deſpois pera nòs todos, pera que liures por ſeu meio de noſſas culpas, nos poſſa tambem liurar de noſſas penas ſua gloria: *Quam mihi, & vobis præſtare dignetur, &c.*

(:!:)

FIM.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
18
MAR.
41
Nº DE REG. 2.627

11/554

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
18
MAR
41

A TRANSCRIÇÃO

Sermão da Conceiçam da Virgem Maria Nossa Senhora,

que pregou o R. Padre Antônio De Sá Da Companhia De Iesu(s) na Igreja Matriz do Recife de Pernambuco. Ano de 1658

Coimbra

Com todas as licenças necessárias: Na Oficina de José Ferreira:

Ano 1675.

(Transcrição1)

Maria de qua natus est IESUS ***(Mt, 1: 16).***

1 Foram mantidas a grafia, a pontuação e a estrutura textual originais. Todas as notas foram inseridas pelos transcritores.

(Página 3)

GRANDE festa pera o melhor do Céu, e pera o melhor da terra, pera o melhor do Céu, porque toda a Trindade interessa notícias em Maria, como diz Crisólogo[2]; pera o melhor da terra, porque na Conceição desta Senhora os Teólogos têm nobre matéria, pera discutir sutilezas; os entendidos pera levantar pensamentos; os cortesãos pera descobrir urbanidades; os devotos pera apurar afetos; que por isso (quiçá) não tem determinado a Igreja este mistério, pera dar lugar aos Fiéis que empenhados na piedade desta Senhora: já nas escolas, já nos púlpitos, já nos escritos, já nas praças, procurem com novidade afetuosa, firmar sua imaculada pureza; mas o mal é, que sendo a festa da Conceição de Maria, não parece acomodado à Conceição de Maria o Evangelho da festa; tudo nele são Conceições, desde Isaac até José, mas em todo ele não se topa com a Conceição de Maria; tudo nele são pais desde José até Isaac, mas os pais de Maria, não se acham em todo ele; e finalmente não há no Evangelho outra cousa de Maria, senão que é Mãe de Deus: *Maria de qua natus est Iesus*. Pois como é possível que sirva o Evangelho de Maria mãe, na festa de Maria filha? Como havemos de aplaudir a Maria

(Página 4)

concebida, quando não encontramos pais a Maria? Como havemos de solenizar a Conceição da Senhora com um texto que não trata da sua Conceição? Ora nessas que parecem faltas no Evangelho havemos de fundar as razões da pureza singular da Conceição de Maria: o assunto é vulgar, que a brevidade do tempo não deu lugar a outra escolha, mas sem afetação de Teólogo, entre os quais me confesso o último; nem jactância de entendido, em cujo

2 Petrus Chrysologus, nascido em Ímola, nomeado bispo de Ravena por Sixto III por volta de 433 e , ainda, Doutor da Igreja, por Benedito XIII, em 1729.

número, nem me conto por menor; só com obrigações de cortês, e fervores de devoto, que pera o ser com Maria basta ser racional, procurarei que tenham as provas alguma novidade. Ave Maria.

Maria de qua natus est Iesus. Que pouco ajustada cláusula ao parecer esta? Já mãe quando escassamente filha? Já com o filho de Deus nos braços, quando apenas concebida em Ana? Se ainda não é tempo de lograr a maternidade, como se lhe dá a maternidade antes de tempo? Porque, se nas outras criaturas é primeiro a conjunção do tempo, que os favores da graça, em Maria com excelência singular são primeiro os favores da graça, do que a conjunção do tempo.

Da raiz de Jessé, diz Isaías, brotará uma vara tão unicamente feliz, que nela será o mesmo apontar verde, que abrir florida: *Egredietur virga de radice Iesse, et flos de radice eius ascendet*[3]? Que dizeis Profeta sagrado? No mesmo tempo vara, e flor? Onde se viram nunca brotar juntas flor, e vara? Primeiro a vara se anima em tronco, dilata em folhas, copa em ramos, e então concebendo em

(Página 5)

claustros verdes, arroja fermosuras, exala fragrâncias, desprega flores; pois como pulam aqui a uma vara, e flor? Que escassamente aponte vara: Egredietur virga, e que logo se veja coroada de flor, *et flos de radice eius*? Sim, diz Jerônimo[4], que esta vara é Maria: *Maria virga est*: e é tanta a singularidade dessa vara, que se nas outras aguarda o tempo pelas flores, nesta as flores se antecipam ao tempo;

3 Ver a passagem testamentária referida em Isaías, 11, 1-2.

4 Eusebius Sophronius Hieronymus, Doutor da Igreja e conhecidíssimo por sua tradução dos escritos testamentários em latim. Por volta de 382, teria principiado sua correção da versão latina do ***Novo Testamento*** então em circulação, o ***Vetus Latina***. Por volta de 390, teria dado início à tradução da Bíblia em Hebraico, empreitada nova, pois até sua decisão de traduzir o texto em hebraico todas as traduções eram baseadas no ***Septuaginta***. A pesquisa acadêmica recente hipotetiza que a tradução de Jerônimo dos escritos vetero-testamentários, ***iuxta Hebraeos***, derive na verdade da tradução do ***Hexapla***.

se nas outras plantas não há vestir belezas, sem animar verduras, esta é tão privilegiada, e única, que nela é o mesmo animar verduras, que vestir belezas; se nas demais criaturas floresce a graça depois de o pedir a natureza, em Maria antes de o pedir a natureza, floresce a graça; *Egredietur virga de radice Iesse, et flos de radice eius ascendet*. Pois se esta é a prerrogativa de Maria, esperar nela a graça pelo tempo, e não o tempo pela graça, com muita razão lhe dá o Evangelista o título de Mãe antes da disposição do tempo: pera que se há de esperar pelos anos, pera atribuir o favor, a quem faz o Céu os favores sem respeitar a anos? Diga-se Maria mãe, quando se concebe, que se essa maternidade é graça do Céu, em Maria as graças do Céu não dependem do tempo? Bem está isso, chame-se Maria embora mãe antes de ter idade pera o ser, mas primeiro que se chame mãe, chame-se filha. Observe o Evangelista nesta Senhora o mesmo estilo, que observa em seus ascendentes: diz S. Mateus Isaac foi pai de Jacó: *Isaac genuit Iacob*[5], mas primeiro diz que Isaac foi filho de Abraão: *Abraham genuit Isaac*; e assim procede na relação dos demais progenitores,

(Página 6)

intitulando-os primeiro filhos, do que os intitule pais; pois em Maria, porque se altera esta ordem, por que se chama mãe, sem se nomear filha: *Maria de qua natus est Iesus*? E como queremos, que o Evangelista desse o nome de filha a Maria, se Maria sempre foi mãe; o ser filho é primeiro que o

5 Excerto do *Evangelium Secundum Matthaeum*, em que se narra a genealogia de Cristo: [1, 1-6] 1 *Liber generationis Iesu Christi filii David filii Abraham. 2 Abraham genuit Isaac, Isaac autem genuit Iacob, Iacob autem genuit Iudam et fratres eius, 3 Iudas autem genuit Phares et Zara de Thamar, Phares autem genuit Esrom, Esrom autem genuit Aram, 4 Aram autem genuit Aminadab, Aminadab autem genuit Naasson, Naasson autem genuit Salmon, 5 Salmon autem genuit Booz de Rahab, Booz autem genuit Obed ex Ruth, Obed autem genuit Iesse, 6 Iesse autem genuit David regem.*

ser pai; esta Senhora é mãe *ab aeterno*[6], e quem *ab aeterno* é mãe, como se há de intitular em tempo filha?

Maria *ab aeterno* mãe? Sim, ouvi a Agostinho: *Antequam ipse ipsam Deus crearet, de qua ipse homo crearetur noverat matrem*[7], antes que Deus criasse Maria, da qual ele havia de nascer, já a conhecia por mãe, misterioso *antequam*, antes que? Quantos dias, quantos anos, quantos séculos antes que se criasse Maria, se conhecia por mãe, *Antequam Deus ipsam crearet*, antes que Deus a criasse. Divino, e incompreensível termo! Repeti um, e outro, e mais séculos, lede a Agostinho, *Antequam*, antes de todos esses séculos já Maria era mãe: tornai atrás milhares, e milhares, e centenas de milhares de anos; e tornai Agostinho que? *Antequam*: antes de todos esses anos, já era mãe Maria; Ponde-vos mais atrás milhões, e milhões de séculos, e a esses acrescentai outros tantos, vinde a Agostinho que? *Antequam ipse ipsam Deus crearet noverat matrem*, já Maria antes de todo esse tempo era mãe; que eternidade de mãe? Nem cuidem que esta maternidade eterna, é somente por previsão, porque *ab aeterno* foi Maria prevista pera mãe; é maternidade eterna por ofício; porque representando-se eternamente ao entendimento

(Página 7)

do Pai, o concurso materno do ventre desta Senhora; do conhecimento desse concurso materno do ventre de Maria procedeu o Verbo: Funda-se esta minha resolução em Teologia muito admitida, e tem por fautor ao mesmo Eterno Pai.

Fala ele com o Eterno Verbo; e diz assim: *Ex utero ante luciferum genui te*[8]: no mais secreto da eternidade vos gerei

6 "Desde sempre", ou "eternamente".

7 Ver a passagem em Augustinus Hipponensis. In: ***Evangelium Ioannis Tractatus***, VIII, 9: "et antequam ipse Deus crearet, de qua ipse homo crearetur, noverat matrem […]". Extraído de http://www.augustinus.it/latino/commento_vsg/omelia_008_testo.htm

8 Excerto de Psalmi, 109, 3.

do ventre: que quer dizer vos gerei do ventre? O Eterno Pai gera ao Eterno Verbo pelo entendimento; pois, porque não diz: *ex mente*, vos gerei do entendimento; senão: *ex utero*, vos gerei do ventre? Porque fala do ventre de Maria, de cujo concurso objetivo, enquanto *ab aeterno* se representava a seu entendimento, gerou o Verbo: Tinha o Eterno Pai aos olhos a maternidade desta Senhora pera com Cristo, e do conhecimento desta maternidade produziu a seu Eterno Filho. Logo já então Maria exercitava de algum modo o ofício de mãe, pera com o Verbo, pois concorria a maternidade de Maria pera a produção do Verbo; logo não tem Maria princípio de sua maternidade, porque tanto que foi predestinada pera ser, que foi *ab aeterno*, logo foi mãe, e nisto se me não engano se fundou aquela célebre admiração dos Anjos: *Quæ est ista quæ progreditur*, dizem eles, *electa ut Sol*? Quem é esta que sai escolhida como o Sol? Se consultarmos a S. Cirilo Alexandrino[9], e a Santo Atanásio[10], acharemos, que este Sol é o Eterno Pai: *Sol Pater est*, Sol o Eterno Pai; e Maria escolhida, como o Sol? Que dizeis Anjos? Que havemos de dizer? Muito nos

(Página 8)

admira isso. *Quae est ista*? Mas não podemos deixar de o sentir assim, quando a encontramos tão semelhante a esse Sol; se pomos os olhos no Pai, vemos que nenhum instante se deu em que não fosse pai; porque foi Pai, desde que subsistiu Pessoa, antes por isso subsiste Pessoa distinta, porque é Pai. Se pomos os olhos em Maria, vemos que nem em sua perdestinação eterna, se deu instante em que não fosse mãe; porque foi mãe desde que foi perdestinada pera ser; antes por isso foi perdestinada pera ser, porque era

9 Santo Cirilo de Alexandria foi patriarca dessa cidade entre os anos de 412 e 444. Foi um importante teólogo e participou de inúmeras controvérsias cristológicas.

10 Santo Atanásio de Alexandria, nascido provavelmente entre os anos de 296-298 e morto em 2 de maio de 373, também chamado de Atanásio, o Grande, foi o vigésimo bispo de Alexandria. Está entre os mais renomados teólogos da Igreja do Oriente e é o líder do trinitarismo cristão.

mãe; e como nós vejamos que assim como no Eterno Pai não houve desde a eternidade ser real, sem ser Pai, assim em Maria não houve desde a eternidade ser objetivo, sem ser mãe; por isso ainda que muito admirados da semelhança, a comparamos ao Sol do Pai, *Quae est ista*, que, *progreditur electa ut Sol*? Pois se nunca houve Maria *ab aeterno*, sem ser mãe, como a havia de intitular o Evangelista em tempo filha? E se em Maria não cabe nunca o nome de filha, porque sempre é mãe, nunca houve culpa em Maria. Notai: a mácula original do pecado contrai-se pela rezão de filho, e não pela rezão de pai. Ninguém tem pecado original porque é pai, senão porque é filho; donde se pregunta, nas escolas, se Deus criasse agora um homem de uma pedra, se havia de incorrer este homem na mácula original? E responde-se que não, e todo o fundamento é; porque neste homem assim criado, não havia rezão de filho. Logo se Maria é Mãe de Deus sempre, em verdade que não há de ter pecado nunca. Maria filha de Ana,

(Página 9)

se a pudéramos considerar assim somente pudera, e devera ter culpa, porém Maria mãe de Deus, nem deve nem pode ter mancha, pois sempre que a consideramos Maria, a havemos de encontrar mãe, e por ser isto assim, pera nos mostrar o Evangelista a pureza extremada desta Senhora, cala hoje sua Conceição onde é filha, e publica-se o parto onde é mãe: *Maria de qua natus est Iesus*.

Temos ponderado o silêncio da Conceição de Maria; ponderemos agora o silêncio de seus pais: é cousa estranha, que em todo este Evangelho entre tantos pais, e mães, e filhos não haja pai nem mãe de Maria, quê? Não tem pais esta Senhora? Atrevia-me com sutileza piadosa a dizer que não, mas porque esta novidade pede mais tempo, que o que eu tive, fique pera outra ocasião: Pais tem Maria. Pois pera que os cala o Evangelista? Por duas razões? A primeira é porque nos quer Deus ensinar, que em Maria não se há de

considerar a natureza, senão a graça, porque mais é filha da graça do que da natureza; tão pouco tem Maria de natureza, e tanto da graça, que mais parece parto desta, do que daquela.

Tornemos à vara de Isaías em cujas raízes cavaremos a prova: *Egredietur virga de radice Iesse, flos de radice eius ascendet*. Da raiz de Jessé brotará uma vara; e de sua raiz abrirá uma flor; duas raízes, temos aqui uma de que nasce a vara, *virga de radice*, outra de que nasce a flor, *et flos de radice*. E qual vos parece, que é a raiz própria da vara? Adonde ela, sai, ou adonde abre a flor? Adonde abre a flor, essa é a raiz própria da vara. Considerai a força do

(Página 10)

texto: *Egredietur virga de radice Iesse*, sairá uma vara da raiz de Jessé; de Jessé diz, que é a raiz donde sai a vara: *Et flos de radice eius ascendet*, adverti no *eius*, e da raiz desta vara, (que sobre ela cai o *eius*) brotará uma flor, da vara diz que é a raiz donde brota a flor. Estais já em que a raiz donde sobe a flor, é a raiz própria, e particular dessa vara? Discorrei agora o mistério: Esta vara é Maria, e esta flor é Cristo, conforme o comum sentir dos Santos, baste Jerônimo por todos: *Maria virga est, flos Christus*: A raiz donde teve teu princípio Cristo, que é a flor, é a graça, porque a Encarnação do Verbo, é obra toda da graça, e nada da natureza; inferi agora: a raiz donde brotou a flor é a graça, logo se essa mesma raiz é a própria da vara, a raiz da vara vem a ser a graça; e se Maria é essa vara, a graça vem a ser a raiz de Maria. Da natureza teve Maria seu princípio, mas deveu tão pouco à natureza, que se não chama raiz sua

a de Jessé, a natureza donde ela nasceu, como tenra vara, mas chama-se sua raiz a de Cristo, a graça donde ele brotou como bela flor; andem agora os escrupulosos a suspeitar culpa em Maria. Em todo o rigor da Teologia, nem Deus pode fazer, que estejam juntas em uma alma, a culpa, e a graça; pois se Maria teve seu princípio na graça, como havia, de ter nesse princípio culpa? Há-se de atrever nossa demasia a cuidar o que Deus não pode fazer? Rendamos o juízo devotos, e veneremos a Conceição desta Senhora por imaculada, e puríssima.

Vamos à segunda rezão: Calam-se os Pais de Maria, quando se concebe, porque não se concebe Maria, porque

(Página 11)

Joaquim, e Ana tenham filha, senão porque Deus tenha mãe. Não notais o estilo do Evangelista que quando havia de dar pais a esta Senhora lhe dá filho: *Maria, de qua natus est Iesus*. Pois que outra cousa é isso, senão mostrar, que esta Senhora não recebe o ser, pera que tenham filhas seus pais, e que por isso os cala, senão pera que tenha Deus mãe, e que por isso o publica? Se Maria não houvesse de ser mãe, não se concebera Maria, só por dar o ser humano a Deus, recebe Maria o ser; e se Deus não houvesse de encarnar, não existira Maria: é Maria no mundo, o que o Eterno Pai no Céu: a Pessoa do Eterno Pai no Céu toda é pera o Verbo, e não fora Pessoa distinta o Pai, se não gerara o Verbo: a existência de Maria na terra, toda é pera Cristo, e não existira Maria, se não houvera de parir a Cristo: Ó que excelência! Ó que glória! Tudo o que é o Pai, é pera o Verbo; tudo o que é Maria é pera Cristo; pera haver de ser mãe de Deus ocupou Maria o ventre de sua mãe, e não nascera Maria, se não houvesse de nascer dela Deus. Busquemos abono a esta verdade, e seja ao escolástico, no mais escondido dos decretos divinos, confessando antes de tudo, que se bem em Deus não há tempos, as escolas contudo hão levantado uns sinais, pelos quais se guiem nas ıuzes inacessíveis de sua sabedoria.

Previu pois Deus no primeiro final a Adão com todos seus descendentes futuros, nos quais não entrava Cristo, nem Maria; logo no segundo celebrou com ele um pacto, que foi dar-lhe a graça, e original justiça, com esta condição, que se não comesse do fruto de uma árvore, em

(Página 12)

demonstração de rendimento, passaria aquela mercê não só real, senão divina, com privilégio inalterável a todos seus filhos, mas se quebrasse o preceito, que não passaria a mercê a seus herdeiros; não bem tinha cuidado nisto, quando no terceiro final, viu quebrada a lei, roto o pacto, pecar Adão, perder a graça o pai, privar-se dela os filhos, e ficar aleivosos todos. Doeu-lhe o dano comum, a quebra de uma imagem, que formou com tanto cuidado, e mais amoroso quando ofendido, entra no quarto final, e diz assim, pois quê? Hão-se de perder também, como o Anjo, os homens? Será eterna sua ruína? Não hei de tomar criatura intelectual nas mãos, que não se me caia delas? Ora seja um de nós outros homem; e tomemos satisfação no homem nós outros mesmos; aceitou então o Filho sobre si o humanar-se, e morrer em uma Cruz, pera sua satisfação, e nosso remédio. Pois de quem tomará carne? (e vai o quinto final) Quem lhe daremos por mãe? Criemos a Maria com as excelências, que se requerem pera ser mãe de Deus. Até aqui a Teologia. Advertistes bem na ordem, com que procede na matéria? Pois pera descobrirmos nela o que buscamos, pergunto eu agora; em que final determinou Deus a existência de Maria, no primeiro em que determinou a existência de todos os homens, que havia de haver no mundo, ou no quinto em que buscou mãe pera Cristo? No quinto, em que buscou mãe pera Cristo, determinou Deus a existência de Maria; logo (faço esta ilação valente) logo se Maria não houvesse de ser mãe, não houvera de ser Maria; não há que tergiversar, porque se a existência de Maria

(Página 13)

não foi prevista no primeiro final, onde se previu a existência dos outros filhos de Adão, senão no quinto onde foi perdestinada pera mãe de Deus, só pera ser mãe recebe Maria o ser; quem não se previu existente, senão quando se determinou pera mãe, só pera haver de ser mãe existe; nisso está o melhor dos Doutores, e melhor que todos a mesma Senhora.

Ouvia no segundo dos Cantares: *Ego dilecto meo*[11]; eu sou toda pera Deus. Notai, que não diz, *Ego dilecti mei*, senão, *Ego dilecto meo*; eu sou pera Deus: e que mistério mais tem ser pera Deus, do que ser de Deus? Tem muito mistério; ser de Deus, é mostrar que recebe dele o ser: ser pera Deus, é insinuar que recebe o ser pera ele: e como esta Senhora sabia, que se lhe dera o ser só pera ser mãe de Deus, por isso, não diz: *Ego dilecti mei*, senão *Ego dilecto meo*; que é pera Deus. Pois se Maria não se concebe pera que Joaquim, e Ana tenham filha, senão somente pera que Deus tenha mãe: que tem esta Senhora com Satanás: que tem com o pacto de Adão; como pode sentir o contágio da natureza, aquela que não havia de existir criatura, senão houvesse de ser homem o Criador? Pequem embora em Adão os outros, que existem por amor da natureza, porque não falte a sucessão de Adão. Mas Maria que só é por amor de Deus, porque lhe não falte mãe, porque há de contrair mancha Maria? Tivera esta Senhora grande rezão de queixa contra Deus se a não isentara de culpa. Que não se me dê o ser por amor de mim, senão por amor de Deus, e que hei de incorrer em pecado, como os outros, que são pera si? Que não

11 Excerto de Canticum Canticorum, 6, 2.

(Página 14)

exista pera que meus pais tenham filha, senão pera que Cristo tenha mãe, e que hei de participar a mancha de meus pais? Vede se a podia fundar com rezão, e julgai se era rezão que Deus lhe desse motivo pera a fundar.

Temos visto como assim em calar a Conceição, como também em calar os pais, atendeu o Evangelista, a estabelecer a pureza singular de Maria, mas onde mais, que tudo a corroborou, foi no filho, que lhe deu; de *qua natus est Jesus*. Mãe de Deus, e pecado? Não pode ser; ou me hão de pôr culpa no filho, ou não me hão de pôr culpa na mãe. Vara chamou Isaías a Maria, cujo fruito é Cristo: *Egredietur virga de radice Iesse*: Vereis uma árvore, que escondida ao princípio nas entranhas da terra, recebe pelos meatos ocultos das raízes o suco vital, com que alentada rompe o cárcere, e sai posto que humilde à luz: logo se levanta presumida em vara, e engrossando cada dia no tronco desprega sua verde pompa, lança vistosos ramos, estende copados braços, e já parece frondoso gigante de bosque, a que pouco há era humilde competência da relva; finalmente vigorosa já contra as asperezas do inverno, a benefícios do verão, e ardores do estio, abre toda em flores, e se desentranha em fruitos toda. E donde vem a vida desse fruito? Donde o alento; donde os aumentos? Não há dúvida, que da raiz, porque se lhe viciares esta, murchará logo o fruito, logo tudo o que é o fruito se deve atribuir à raiz? Claro está. Ide agora comigo. Cristo chama-se fruito de Maria, a raiz deste fruito é o ventre da Senhora, a raiz deste ventre é sua Conceição: pois se o fruito vive da flor, se a flor do ramo, se o ramo da vara, se a vara do

(Página 15)

tronco, se o tronco da raiz, dessa raiz vem a viver o fruito: assim? Pois ou não houve vício na raiz, ou há vício no fruito: e se não há no fruito vício, não há que presumir vício na raiz. Fruito tão perfeito, e puro, com raiz viciada, e corrupta, é impossível; que da raiz depende a vida do tronco, da do tronco a da vara, da da vara a do ramo, da do ramo, a da flor, e da da flor a do fruito, e conseguintemente não vivera o fruito se estivera morta a raiz.

Bem estava isso, dirá alguém, se o fruito não fora Deus, se Cristo fora somente homem, bem se provava, que ou Maria não tinha culpa, ou que Cristo também a tinha, porque sendo puro homem, não havia de nascer puro de uma mãe impura: porém como Cristo é juntamente Deus, não parece que se deduz bem, que ou nele há de haver mácula, ou não houve mácula em Maria; porque como Deus, ainda que na mãe houvesse faltas, não podia haver faltas nele. Ora está extremadamente replicado, e ainda que pudera com Agostinho sustentar sem escândalo da fé, que se manchara o filho, se acaso a mãe se manchara; *Si potuit inquinare, cum eam faceret, potuit inquinari, cum ex ea nasceretur*: deixo isso, e digo, que ainda que em Cristo não houvessem de cair realidades de culpa, se contraíra Maria; pelo menos haviam de sair as aparências, haviam o desluzir as sombras, ainda que não asseasse o delito.

É cousa célebre na escritura comparar-se a Encarnação do Verbo ao orvalho: no *Deuteronômio: Fluat ut ros eloquium meum*[12]: nos *Juízes: Si ros in solo vellere fuerit*[13]: em *Isaías: Rorate cæli desuper*[14]: considerai agora a propriedade

12 Excerto de Deuteronomium, 32, 1-2.

13 Excerto de Iudices, 6, 37.

14 Excerto de Isaias, 45, 8.

(Página 16)

do orvalho: cai uma gota de orvalho em uma encarnada rosa, e parece encarnado: cai em um branco lírio, e parece branco: cai em um roxo cravo, e parece roxo: cai em uma preta violeta, e parece preto: de sorte que o orvalho toma as cores, e resultâncias da cousa, em que cai: Desce o Verbo a encarnar em Maria, como orvalho; que se segue? Que se Maria estivera afeada com pecado, parece que haviam de resultar as aparências no Verbo: e se no Verbo não há aparências de culpa, é sinal, que nunca houve delito em Maria. Benedito sejais vós Deus meu, que quisestes descer, como orvalho, pera que não se divisando em vós sombra desta culpa, não presumisse nossa malícia defeitos nela.

Nem só importou a pureza de Maria; pera o crédito da pureza de Cristo, senão também pera abono de sua divindade: Se Cristo deixara incorrer a Maria na mancha original, pudera-se duvidar (abstraindo da luz da fé) se era Deus: mas se a isentou da original mancha, não há senão confessar que é Deus Cristo: e isso por quê? Porque a culpa devia-se à natureza humana de Maria, e romper Cristo por esse foro da natureza, é final irrefragável de sua divindade.

Constitui o Senhor a Moisés Deus de Faraó: *Constitui te Deum Pharaonis*[15]: e que insígnia vos parece que lhe dá, pera se dar a conhecer por Deus? Uma vara: *Virgam hanc sume in manu tua*[16]. Há tal cetro pera tal grandeza? Uma vara há de ser a insígnia da divindade? Sim: não há esta vara de endurecer os mares, ensanguentar os rios, alterar os elementos? Pois essa é a que convém pera divisa da divindade

15 Não achamos a passagem.

16 Excerto de Exodus, 4, 17.

(Página 17)

de Moisés, que atropelar as leis da natureza, é prova muito valente de um ser divino; pois se em isentar a Maria do pecado, estabelecia Cristo os créditos de Deus, se a preservação da mãe, de algum modo, era interesse da pureza do filho, quem se há de persuadir, que o filho não refrearia o ímpeto da culpa na mãe? Se refreou, fiéis, se refreou. Não o ouvis nas bodas de Caná? Reconheceu Maria que ia faltando o vinho aos convidados, adverte a Cristo do caso, e responde-lhe o Senhor: *Quid mihi, et tibi est mulier*?[17] Mulher, e que vos vaia vós, e a mim nisso? Parece-vos muita sequidão a resposta. Pois a entendei que foi muito mistério. O vinho ainda não tinha faltado, ia a faltar, que isso é: *deficiente vino*: Pois a isto diz Cristo, *Quid mihi, et tibi est mulier*? Que vos vai, Maria, a vós, nem a mim nisso? Faltas incorridas, danos já, feitos, é favor, e milagre, que me toca pera os outros: prevenir os danos, que ameaçam, escusar as faltas, que vê, antes de chegar, isso é glória, que eu reservo só pera vós: deixai que se incorra a falta, que eu a remediarei despois que preservar do dano, antes que chegue, isso foi só convosco, porque ambos íamos interessados nisso, vós por mãe, e eu por filho, *Quid mihi, et tibi est mulier*? E se por tantos princípios, como temos discursado, se convence que se concebeu Maria sem faltas, porque temem alguns, que fosse assim? Porque é pensão inevitável dos descendentes de Adão, que recebam o ser com mancha, há de haver quem receie confessar, que o recebeu sem mancha Maria? Ó não haja tal receio no mundo, não queiramos medir a Maria por nós, pois Deus a mede por si.

17 Excerto de Secundum Ioannem, 2, 4.

(Página 18)

Publica esta Senhora as grandezas que Deus nela obrara, e diz assim: *Fecit mihi magna qui potens est*?[18] Fez em mim cousas grandes o que é potente: Reparai que é extremado reparo, e poderá ser que novo: Reparai que não diz, *qui omnipotens est*: O que é omnipotente; senão, *qui potens est*; o que é potente: E que tem isso? Que vai em que diga potente, ou omnipotente? Que vai? Dai convosco na Teologia, perguntai aos Tomases[19], aos Suárez[20], aos Vásquez[21], e às melhores cadeiras das Universidades, que distinção há entre potente, e omnipotente em Deus? Reponder-vos-ão, que potente se diz o pai, por ordem a gerar o Filho; e o Pai, e o Filho por ordem a produzir o Espírito Santo; e que omnipotente se diz toda a Trindade, por ordem a fazer as criaturas: de sorte que potência em Deus respeita à produção das pessoas *ad intra*; e omnipotência respeita à produção das cousas *ad extra*; tendes alcançado a diferença notável, que vai de potência, à omnipotência, que esta é pera cousas criadas, e aquela pera pessoas divinas? Tornai agora à proposição de Maria: *Fecit mihi magna, qui potens est*: fez em mim cousas grandes, o que é potente. Valha-te Deus por Maria? Se o termo da potência em Deus são pessoas divinas, e as criaturas são somente termo da onipotente, como não dizes, que é Deus contigo onipotente, senão potente? *Qui potens est*? És pessoa divina, ou és pessoa humana? Pera que é deter mais Fiéis? Pessoa humana é Maria mas tal pessoa humana, que parece que a trata Deus como pessoa divina. Tanto a

18 Excerto de Secundum Lucam, 1, 49.

19 Tomás de Aquino, nascido em Roccasecca, em 1225, e morto em Fossanova, em 7 de março de 1274, foi frade da Ordem dos Pregadores (dominicano). É autor da ***Summa Theologiae*** e de um largo número de obras lidíssimas na Cristandade ocidental. É considerado o mais importante autor da Escolástica e se o chamava, por sua vasta erudição e perspicuidade, ***Doctor Angelicus e Doctor Universalis***.

20 Francisco Suárez, nascido em Granada, aos cinco dias de janeiro de 1548, e morto em Lisboa, em 25 de setembro de 1617, foi um jesuíta, filósofo e importante jurista, e é considerado como um dos mais destacados pensadores do jusnaturalismo.

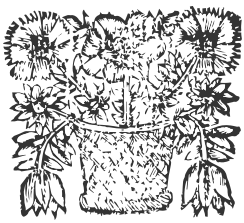
21 Gabriel Vásquez Belmonte, nascido em Cuenca, em 1549 ou 1551, e morto em Alcalá de Henares, em 23 de setembro de 1604, foi um teólogo jesuíta, orador e moralista.

singularizou entre todas as criaturas, que não parece que mediu suas perfeições

(Página 19)

pela omnipotência com que obra *ad extra*, senão pela potência com que produz *ad intra*. Pois se Deus regula por si a Maria, como a queremos regular por nós? Confessemos ingenuamente devotos, não só que Maria não padeceu queda, mas nem risco; não só dano; mas nem contingência, não só infortúnio, mas nem soçobro; não só ruína, mas nem perigo. Assim o fazemos, Santíssima Senhora, todos julgamos, que não tivestes em vossa Conceição desdouro, mas que recebestes o ser imaculada; que não admitistes culpa, mas que respirastes santa; que não vos saltearam temores, mas que lograstes seguranças: que não fostes vil despojo de Satanás, mas desvelo soberano da graça, esta alcançai copiosa de vosso filho, em primeiro lugar, pera quem tão grandiosamente festeja os candores puros de vossa madrugada, e despois pera nós todos, pera que livres por seu meio de nossas culpas, nos possa também livrar de nossas penas sua glória: *Quam mihi, et vobis præstare dignetur, etc.*

FIM



Transcrição de:

João Adolfo Hansen e Marcello Moreira